

LETRAMENTO VISUAL, PRODUÇÃO ESCRITA E LÍNGUA INGLESA: SE FALA SOBRE TUDO NA AULA, ATÉ INGLÊS!

JONAS JANDSON ALVES OLIVEIRA 1

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe - IFS <jonas_jandson@yahoo.com.br>

DOI: 10.21439/conexoes.v12i2.1447

Resumo. O ensino de língua inglesa nas escolas públicas brasileiras deve contemplar objetivos educacionais além de conteúdos linguísticos. Pensar uma atuação crítica no contexto escolar, mais especificamente na sala de aula de inglês, requer, portanto, um diálogo com outras áreas do conhecimento. Este artigo tem como objetivo propor uma atividade que mescle letramento visual e produção textual em que a imagem não seja mero complemento do texto escrito. Busca também incluir assuntos de temas gerais nas discussões da sala de aula tomando como apoio noções de *poder, diversidade e acesso* (JANKS, 2016) e relações entre os domínios *local* e *global*. Algumas das produções resultantes da aplicação dessa proposta serão compartilhadas, comentadas e "estranhadas" no trabalho.

Palavras-chaves: Letramento visual. Produção textual. Sala de aula de inglês.

Abstract. The teaching of the English language in the Brazilian public schools should comtemplate educational objectives beyond the linguistic contents. Thinking on a critical performance in the school context, specially in the English classroom, requires, therefore, a dialogue with others areas of knowledge. This paper aims at proposing an activity that mixes visual literacy and text production in which the image is not a mere complement of the written text. It also aims at including subjects of general themes in the discussions of the classroom by taking as a support notions of *power*, *diversity* and *access* (JANKS, 2016) and relations between the *local* and *global* realms. Some of the productions resulting from the application of this proposal will be shared, commented and "stranged" in the work.

Keywords: Visual literacy. Text Production. English classroom.

1 INTRODUÇÃO

Um professor ou professora de língua portuguesa que atue no ensino público ou privado de uma escola brasileira precisa organizar seu planejamento anual de modo a contemplar três pilares distintos e ao mesmo tempo complementares da sua disciplina – ensino gramatical, literatura e produção textual. Ao tomar como pressuposto que para atuar nessa disciplina um indivíduo precise ter uma formação mínima¹, licenciatura simples em letras, um paralelo com outros profissionais de mesma graduação, porém com o acréscimo de língua

inglesa, se faz pertinente: há espaço para atividades que contemple o ensino de inglês para além do ensino sobre a própria língua?

Se outrora a dinâmica de aula de língua inglesa estava restrita a uma tendência metalinguística – aprender o idioma através do estudo de sua gramática –, posteriormente, a demanda por um olhar mais comunicativo para essa língua deu vazão a inserção de práticas visando o desenvolvimento de habilidades como falar, ouvir, ler e escrever no idioma alvo (LEFFA, 2012). Estar a par do aparato linguístico anteriormente citado, no entanto, já não é suficiente nos moldes em que o mundo se configura atualmente. Diante dos efeitos da globalização, noções como fronteiras bem estabelecidas e estados-nações regendo as vidas de seus cidadãos/compatriotas (TORRES, 2009) já não são suficientes para explicar os fenômenos e as contingências da

¹Uma pesquisa recente aponta que uma parcela significativa de docentes atuando nas escolas públicas brasileiras não possuem graduação especializada na disciplina que lecionam. Disponível em: http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-03/quase-40-dos-professores-no-brasil-nao-tem-formacao-adequada. Acesso em: 06 nov. 2017.

vida em sociedade os quais são intermediados pela linguagem. A quantidade de falantes em sua totalidade bem como a posição privilegiada dos usuários nativos de uma língua, tomados muitas vezes como referência do modo "certo" de aprendizagem em termos de pronúncia e sotaque (MATTOS, 2014; JORDÃO, 2014) também têm perdido espaço principalmente quando se volta o olhar para o inglês como uma língua de intermédio e negociação entre comunidades, como destaca Canagarajah (2006), não necessariamente ligadas ao Reino Unido, na função de colonizador, ou Estados Unidos e Austrália, duas das colônias inglesa que mais prosperaram em termos econômicos, por exemplo.

Pensar a função da língua inglesa no espaço escolar na atualidade, exige criticidade. Para falar sobre esse tema, Monte Mór (2013) lança mão de uma diferenciação entre dois termos próximos, porém com conotações diferentes ao seu ver: criticism e critique. Ao comentar sobre essa distinção, Takaki e Santana (2014), apresentam o primeiro como algo restrito à individualidade de uma figura que assume a função de pessoa munida de uma bagagem de conhecimento maior e que, portanto, pode assumir uma função de referência em um determinado espaço ou grupo; as autoras enfatizam ainda que tal papel pode ser desempenhado pelo professor ou professora em sala de aula. O segundo termo, por sua vez, dialoga com a não-neutralidade dos posicionamentos assumidos na vida diária. Aqui, segundo ambas, reside a possibilidade do inacabado, do pensar e agir que se desfaz e é novamente tecido a partir de visões múltiplas. Falar em uma atuação crítica no meio social, para Janks (2016) envolve três esferas que atuam de maneira interconectada e atuam paralelamente à linguagem. Poder é o domínio em que se estabelece quem tem o direito de fala e ação em contextos diversos; Diversidade caminha lado a lado com a ideia de diferença que, em seu turno, ressalta as possibilidades de habitar o mundo segundo crenças, valores e modos de agir e pensar particulares. Por fim, a ideia de Acesso coloca em questão os tipos de saberes que são valorizados e como e a quem eles são disponibilizados.

É numa perspectiva crítica e fundamentada nas provocações instigadas nos parágrafos anteriores que este artigo visa intervir de maneira prática no espaço até então prioritariamente bem definido que constitui a sala de aula de língua inglesa. Se o espaço para literatura e produção textual nesse recinto já é limitado, quando não totalmente inacessível, é pertinente perceber que a não inclusão de perspectivas provenientes de outras áreas do conhecimento como as artes, a história, a sociologia, entre outras possibilidades, restringem o poder de atu-

ação dos profissionais dessa área à mera reprodução de um comportamento linguístico tido como ideal. A fim de promover outras possibilidades de se enxergar as aulas de inglês de modo a estabelecer consonâncias com a vida em sociedade, uma proposta de aula multimodal, visando o diálogo entre letramento visual e produção de texto será apresentada ao longo do trabalho.

2 LETRAMENTO VISUAL E AS AULAS DE LÍNGUA INGLESA

Um dos recursos mais utilizados nas aulas de língua inglesa é o texto. No entanto, este é geralmente restrito a modalidade escrita. Autores como Kress (2007) argumentam que as imagens, quase sempre utilizadas como material de suporte para decodificação dos textos linguísticos, podem assumir também papel de protagonismo e atuarem elas mesmas como texto base capaz de promover extração de significados e construções discursivas. Essas imagens podem ser usadas de maneira estática, como é o caso das fotografias ou ainda dinâmicas, o que ocorre quando filmes, séries ou clipes são utilizados para fins didáticos. No último caso, há uma tendência por parte do professor a explorar a hibridez do gênero do qual dispõe para estimular visões acerca de construção de vocabulário ou práticas semelhantes que mais uma vez prestigiam prioritariamente um único viés possível de exploração, determinando as leituras possíveis ao invés de permitir que estas sejam criadas colaborativamente através de múltiplos pontos de vista (FERRAZ, 2017).

Logo, ademais por outros motivos como o escasso tempo disponível para as aulas de línguas não-maternas, as fotografias são em sua maioria utilizadas nos estudos com finalidades de letramento visual. Foi essa a estratégia utilizada por Silva (2014) ao lecionar uma aula inteira em sua turma de ensino superior de uma disciplina cujo foco era produção oral em língua inglesa. A autora se propôs a usar uma imagem do world trade center em chamas após o histórico acontecimento de 11 de setembro de 2001². A adoção de uma imagem como fonte única de informação para uma aula inteira para universitários gerou estranhamento entre os alunos e alunas da turma, como relata a autora, além de ter causado neles sentimentos de repulsa e desaprovação explícitos por palavras - "terroristas, destruição, fundamentalismo, ignorância e visão limitada" (p. 167) - empregadas em referência ao que a imagem retratava. Uma informação importante coletada nesse estudo surgiu na

²Ao me referir a imagem utilizada pela autora para desenvolver sua aula, evitei usar a expressão "ataque terrorista" por entender que tal terminologia permite um olhar único sobre o fato.

sequência da atividade, quando a pesquisadora questionou seus discentes, em uma avaliação do conteúdo da aula, se a escolha do texto para aquele encontro teria sido apropriado ao passo que obteve como resposta de 16 das 17 pessoas presentes que naquela oportunidade nenhum texto havia sido trabalhado, apenas uma imagem serviu como pano de fundo para o desenrolar do debate.

Opiniões divergentes, à propósito, é uma marca dos estudos em que o letramento visual surge como temática principal. Ao propor uma atividade centrada no filme Hachiko's: a dog's story, Ferraz (2017), após tecer críticas às práticas docentes que invisibilizam a capacidade autônoma das imagens de falarem por si só, compartilha uma experiência vivenciada por ele em sua atuação profissional na qual buscou "conciliar/ alternar/ equilibrar o ensino/aprendizagem linguística e a educação crítica" (p. 265). O autor justifica o seu posicionamento ao alegar que a inclusão do linguístico nas aulas é um item indispensável uma vez que é professor de língua. A visão de Ferraz reforça o estigma que se perpetua em relação à sala de aula de inglês como um espaço pouco propício ao advento de outros assuntos e temáticas que venham a desvirtuar a sua essência e, por ventura, ameaçar a sua razão de existir. Uma posição semelhante é passível de ser percebida em Sousa (2017) cuja inclusão de elementos linguísticos na forma de aquisição de vocabulário se torna um imperativo diante da necessidade de tornar justificável a escolha do gênero pôster para suas aulas em vez de um texto mais convencional.

Uma preocupação maior com o posicionamento crítico, não em detrimento do linguístico, mas por ora se sobressaindo a este é apresentado por Mizan (2017) quando opta por discutir letramento visual e mídia com ênfase na forma como o outro, visto aqui como aquele que destoa da cultura e práticas sociais ocidentais, é representado por aqueles grupos que ocupam uma posição de identidade coletiva legitimadora (CASTELLS, 1999a) onde se encontram as instituições ocupantes de funções que racionalizam e promovem uma naturalização de papéis dominantes na sociedade. Nessa mesma perspectiva e visando um público adicional - além de alunos e alunas, professores e professoras em formação e atuantes - Zacchi (2016) apresenta os textos visuais como "lugares de luta, de modo que os leitores não olhariam para as imagens como textos apenas neutros e não-tendenciosos, meramente atuando como um ornamento para textos escritos" (p. 600), corroborando

assim a visão de Janks (2016) citada na introdução deste trabalho. Um outro aspecto pertinente para as reflexões envolvendo criticidade, letramento visual e ensino de língua inglesa trazido à baila por Zacchi (2016) reside no confronto entre o local e o global. Segundo Canagarajah (2006), definir o que é local é uma tarefa árdua uma vez que tal concepção é relativa e banhada de ambiguidade. Além disso, o global adentra ao local que por sua vez também interfere no global Ao explorar então esses dois domínios, aquele autor propõe uma conversa entre culturas distintas de maneira análoga através de imagens que expõem os embates travados na fronteira entre Estados Unidos e México, representada na figura dos imigrantes, e as conexões que tal conflito estabelece com a diáspora de trabalhadores brasileiros quando deixavam a região nordeste do país em caminhões conhecidos como "pau de arara" rumo ao sudeste em busca de melhores condições de vida. Nessa pesquisa, o fator linguístico foi incluído na forma de legenda para uma das fotografias apresentadas, sendo introduzido somente em um segundo momento do estudo na função de suporte dos textos principais (imagético).

3 AS IMAGENS MAIS INFLUENTES DE TO-DOS OS TEMPOS

O título desta seção foi também atribuída pela revista norte-americana Time a uma lista de 100 fotografias disponibilizada em seu website⁴. Em uma sociedade mediada pelos avanços tecnológicos na qual a imagem têm sido difundida como nunca antes (MIZAN, 2017) é instigante pensar como esse veículo de comunicação foi capaz de chegar a um número fechado em uma centena. Quem legitimou essas escolhas? Quais são os grupos sociais representados? Quem está representado nessa lista? Quem não está? Esses são apenas alguns dos possíveis questionamentos que podem orbitar ao redor de uma seleção de tal magnitude.

Um breve texto introdutório sobre a coletânea é disponibilizado pela própria revista e traz algumas explicações breves sobre o processo de escolha. Segundo Ben Goldberger, Paul Moakley e Kira Pollack, jornalistas responsáveis pela matéria, inicialmente alguns especialistas como historiadores, curadores e editores de fotografias foram convidados a indicar possíveis imagens a elencar a seleção definitiva. A partir de suas sugestões, outros profissionais como repórteres foram acionados e, quando possível, os próprios sujeitos retratados nas fotografias, bem como familiares e amigos

³Traduzido do texto original: sites of struggle, so that readers would no look at images as just neutral, unbiased texts, merely func-

tioning as an ornament to written texts.

⁴A coleção completa e comentada pode ser vista no endereço: http://100photos.time.com/>. Acesso em: 06 nov. 2017.

participaram da condução do projeto. Em resumo, os editores da reportagem apontam que todas as fotografias que compõem a versão final da lista apresentam-se como *turning points*⁵, o que, portanto, já confere a elas valor social suficiente para estarem ali.

Entre as várias imagens elencadas pela *Time*, algumas despertam bastante interesse do autor deste artigo pela seu teor capaz de despertar análises críticas que podem ser estendidas ao espaço da sala de aula de inglês. Este artigo vem advogando que as aulas de língua inglesa não precisam ser restritas ao ensino linguístico e muito menos centrar-se em falar sobre a própria língua. Ao contrário, carrega entre suas pretensões articular ideias de outras vertentes do conhecimento que podem integrar o desenrolar de uma aula de língua(gem) por reconhecer que é através dela, como sugere Pennycook (2014), que as argumentações se fazem presente e superam o lugar limitado da técnica. Destaques podem ser concedidos às fotografias que tratam de áreas do globo terrestre fora do eixo ocidental como Coréia do Norte, Índia e África. No primeiro caso, a revista destaca uma imagem intitulada North Korea⁶ tirada por um jornalista americana, David Guttenfelder, em uma das suas frequentes visitas ao país asiático. Na descrição da imagem, a revista reforça a ideia de vida monótona associada à política totalitária do país. A Índia, por sua vez, foi lembrada por meio de um dos seus maiores ícones. A legenda *Gandhi and the spinning wheel*⁷ refere-se ao pacifista sentado ao fundo de sua cela, lendo, durante o período que foi prisioneiro da coroa britânica, mas também à roda giratória criada por ele para confeccionar suas próprias roupas em vez de comprá-las do colonizador, o que mais tarde serviu como fonte de inspiração para campanhas em prol da independência do país. A África está presente em vários itens da lista e o denominador comum em todas essas aparições é a reiteração do discurso em torno da fome, pobreza e mazelas comumente construídas no ocidente acerca desse continente. Na imagem Starving child and vulture⁸, uma criança subnutrida aparece em primeiro plano tentando reunir forças para retomar seu curso enquanto ao fundo uma ave de rapina a espreita pacientemente, o que pode ser confirmado através de um vetor (KRESS; LEEUWEN, 2016), traço imaginário formulado a partir do olhar do animal, apenas esperando o momento certo para atacála. A repercussão da fotografia não se restringe a cena

que ela captura apenas, mas levantou debates sobre a atitude da outra pessoa presente nela, embora não apareça na moldura. O fotógrafo Kevin Carter foi premiado pela imagem, mas a sua passividade diante da cena foi palco para controvérsias que lhe acompanharam pelo resto da vida até o suicídio na primeira metade da década de 1990.

Os três exemplos abordados acima, embora incluam grupos sociais que estão fora das identidades coletivas legitimadoras mencionadas na seção 2, não permitem a concretização de discursos contra-hegemônicos (SPI-VAK, 2010), sendo necessário em todos os casos um olhar ocidental capaz de ler "corretamente" o "significado", neste caso entre aspas pela impossibilidade de outras intepretações que lhes são impossibilitadas pelo emissor da mensagem, que a fotografia apresenta. No livro An aesthetic education in the era of globalization, Spivak (2012) cita como exemplo de uma falsa impressão de representatividade oriunda das margens para o centro, a história de The Elder sister do poeta e escritor indiano Rabindranath Tagore cuja protagonista é uma mulher em uma sociedade centrada em valores patriarcais. O heroísmo de Soshi é construído a partir da morte de seus pais quando ela precisa assumir a guarda do irmão mais novo, mas diante das tensões que a chegada de um novo integrante ao seio familiar gera em seu casamento, se vê obrigada a abdicar da presença de sua irmã para evitar problemas com o marido. Assim, o papel de Soshi se constitui em subordinação tanto ao cônjuge, como ao colonizador, uma vez que a garota é levada ao magistrado britânico. Algo do mesmo teor poderia ter ocorrido na imagem de Gandhi escolhida para estampar a lista da *Time*, todavia, a fotografia em questão patrocinou a formação de uma identidade coletiva de resistência (CASTELLS, 1999a) (CASTELLS, 1999a), se opondo aos valores difundidos pela colônia britânica, o que mais tarde gerou uma identidade de projeto (ibidem, 1999) buscando a redefinição do papel que o povo indiano clamava na sociedade, não mais submisso à Inglaterra, o que culminou na concretização de sua independência.

O brasil não está representando nessa lista. Os Estados Unidos ocupa lugar de destaque em boa parte da coletânea com citações a fatos históricos como a queda das torres gêmeas em Nova Iorque – imagem também explorada por Silva (2014) e detalhada na seção acima – e a batalha de Antietam durante a guerra civil americana. Aproveitando o ensejo sobre o conflito armado em questão e a discussão proposta por Zacchi (2016) sobre as intersecções possíveis entre o global e o local, compreendido neste caso como a região Nordeste

⁵A expressão *turning point* proveniente da língua inglesa, indica uma mudança radical de patamar simbolizada por um marco bem definido.

⁶Anexo A

⁷Anexo B

⁸Anexo C

do Brasil, as imagens capturadas pela lente obsoleta do fotógrafo libanês-brasileiro Benjamim Abrahão Botto⁹, única pessoa a registrar os passos de Lampião e seu bando sertão adentro, poderiam muito bem estampar as páginas da revista *Time*. Foi por intermédio delas que o cangaceiro, até então conhecido naquela região brasileira e fonte de mitos e histórias que abasteciam o imaginário popular, chegou a ser assunto de uma reportagem da revista *The New York Times*¹⁰, rompendo assim as fronteiras geográficas as quais eram muito mais contundentes à época em que vivera.

4 PROPOSTA DE LETRAMENTO VISUAL E PRODUÇÃO ESCRITA NO ENSINO MÉDIO

Nesta seção compartilhamos uma sugestão de atividade que englobe tanto o letramento visual como o aparato linguístico, especificamente a modalidade escrita. É necessário ressaltar, porém, que a função assumida pelo texto imagético aqui não se submete a uma dependência da legenda, sendo ela suficiente para produção de sentidos. A ideia para a sua aplicação surgiu a partir da coletânea da revista Time já apresentada, o capítulo 5 da coleção do livro didático Alive High volume 2 – Extra! Extra! – e as OCEM-LE no que diz respeito aos objetivos do ensino de língua estrangeira nas escolas públicas brasileiras, pois, diferentemente de cursos de idiomas ou afins, onde as preocupações linguísticas podem ficar restritas ao campo do conteúdo, o ensino público não pode se distanciar de suas responsabilidades educacionais as quais não podem estar desvinculadas de "valores sociais, culturais, políticos e ideológicos" (BRASIL, 2006, p. 90).

A aplicação prática da atividade foi a conclusão de uma sequência de aulas que culminariam com uma redação em língua inglesa. Os participantes da pesquisa foram alunos do segundo ano de ensino médio técnicointegrado de Eletromecânica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe – Campus Lagarto, recinto onde o autor deste trabalho leciona, logo após as os jogos olímpicos do Rio de Janeiro o que proporcionou a temática para produção escrita. Em um primeiro momento, a turma foi familiarizada com textos jornalísticos e suas particularidades através do livro didático em uma unidade que trabalha com manchetes e reportagens reais. Adiante, trabalhamos um

texto híbrido (linguístico e imagético)¹¹ sobre o grau de parcialidade presente em jornais, blogs e páginas eletrônicas com o propósito de difundir notícias no Brasil. Nessa etapa, os alunos e alunas tiveram conhecimento de termos bastante vigentes na atualidade como posttruth (pós-verdade) e fake News (notícias falsas) além de visualizarem um gráfico que posicionam os veículos midiáticos de acordo com seus posicionamentos ideológicos e escolhas e omissões ao noticiar o mesmo fato. Para a última fase da atividade, o professor solicitou que os alunos e alunas buscassem leituras relacionadas à mudanças sociais através do esporte. No encontro subsequente, as imagens citadas na seção 3 deste artigo foram exibidas e discutidas em sala de aula, mas, além delas, outra fotografia presente na lista da Time foi incluída: Black power salute12. Nela, três atletas dividem o pódio na premiação de atletismo dos jogos olímpicos da cidade do México em 1968. Dois deles, Tommie Smith e John Carlos - norte-americanos e negros - mantêm os braços erguidos e os punhos cerrados como forma de protesto à invisibilização étnica que seu grupo social sofria no país. As cabeças abaixadas e os vetores apontando para o chão dão ainda mais subsídios ao repúdio que ambos demonstram ao momento. Um olhar mais apurado sobre a imagem poderá revelar ainda que um dos atletas estava descalço, assim esteve também durante a prova; a escolha por competir sem calçados adequados para o esporte foi outro meio escolhido por ele para fazer uma analogia à pobreza que a população negra precisava enfrentar sobre solo do seu próprio território.

Gesto afim foi símbolo de um período em que o esporte mais praticado e assistido no Brasil, o futebol, trouxe à tona a democracia corinthiana. Numa década em que o fim da ditadura militar ainda iria ser anunciado, um dos clubes mais populares do país iniciou uma prática raramente possibilitada no universo esportivo. Jogadores como Sócrates e Wladimir, alguns dos atletas mais atuantes do grupo, passaram a reivindicar mais participação dos jogadores nas decisões intra, como na escolha do técnico por exemplo, e extracampo, estendendo seus anseios também para o âmbito da política nacional em entrevistas ou até mesmo na celebração dos gols marcados.

Por fim, uma fotografia feita durante as olimpíadas do Rio durante um jogo de voleibol foi apresentada aos alunos e alunas que precisariam escrever uma manchete

⁹Uma das fotografias do bando está disponível como anexo D.
¹⁰Mais detalhes sobre o fotógrafo que acompanhou o bando de Lampião e as repercussões do seu trabalho podem ser encontradas nesta matéria do jornal "O globo": http://blogs.oglobo.globo.com/prosa/post/benjamin-abrahao-homem-que-iludiu-sertao-482892.html Acesso em: 06 nov. 2017.

¹¹O texto na íntegra está disponível aqui: < http://plus55.com/brazil-opinion/2017/03/fake-news-brazil-media> Acesso em: 06 nov. 2017.

¹²Anexo E

em língua inglesa para noticiar aquela imagem. Lá, duas jogadoras disputavam uma bola divididas apenas pela rede; à direita da foto, uma egípcia, mulçumana trajando véu e calça; sua adversária, alemã, usa um maiô. Alguns dos textos produzidos podem ser visualizados a seguir¹³: "Eastern woman x Western woman: multiculturalism crossing barriers, making history"14. Embora a questão cultural tenha sido o principal pano de fundo para a confecção dessa manchete, a rede continua sendo vista em posição binária de distanciamento. Para Castells, rede significa "um conjunto de nós interconectados" (1999b, p. 498), logo indivíduos em posições sociais distintas como no caso da imagem analisada não pertencem a mesma rede, em uma opção narrativa centrada no olhar ocidental, tudo aquilo que for proveniente de uma outra cultura pode estar fadado ao distanciamento de um padrão europeu de "civilização".

O tópico mais recorrente em boa parte das produções escritas foi a vestimenta da jogadora egípcia. O olhar de estranhamento sobre ela foi quase que constante ao longo das leituras. Um dos textos que mais explicita esse olhar surpreso é o que segue: "Even in scorching temperature muslim athlete no leave their bodies exposed"15. A não-exposição do corpo das atletas mulçumanas – o produtor do texto considerou a dupla de jogadoras - parece reforçar o não pertencimento delas a sua mesma rede, uma vez que a atleta alemã em momento algum é alvo de controvérsia pelas vestimentas que usa. Tomando como pressuposto que a Alemanha é um país de temperaturas tipicamente amenas ou até mesmo abaixo de zero em determinadas regiões ao longo de uma parte considerável do ano, imaginar a atleta daquele país praticando o esporte vôlei de praia trajando a mesma roupa que usou no Rio de Janeiro, poderia ser também fonte de estranhamento, mas estando ela mais próxima dos nós que a une ao olhar colonizado do Brasil, ler o mundo partindo de outras olhares (AN-DREOTTI; SOUZA, 2008) torna-se uma das funções básicas da educação também na sala de aula de inglês.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Propor uma atividade em que letramento visual e produção escrita estabeleçam uma conversa visando uma aprendizagem para além do domínio linguístico não é uma tentativa de solução, muito menos, mudança radical de paradigma do que é uma aula de língua inglesa. Compreender-se enquanto professor como um estágio que precede o vir a ser, ou seja, "o professor de..." é um passo necessário para aproximar o espaço escolar das práticas em rede e também fora dela. O mero acúmulo de conteúdos que pouco dialoguem com as mudanças sociais provenientes de uma era globalizada em que o local é afetado pela dinâmica até mesmo de outros extremos do mundo peca ao inviabilizar a transferência do que se aprende para o que se vive em comunidade.

Abrir um canal de diálogo com outras áreas do conhecimento e perceber a incompletude da língua nas suas habilidades comunicativas permite o trânsito no tempo e espaço em que a imagem chega antes da voz e tem muito a dizer. Uma variação dessa proposta pode ser feita levando em consideração as recentes manifestações dos jogadores da liga de futebol americano uma referência direta ao protesto dos atletas olímpicos em 1968 - contra os constantes ataques a população negra norte-americana e o reaparecimento público de manifestações racistas lideradas pela Ku Klux Klan, mostrando que investir no letramento visual para além da função acessória, promover situações em que a fotografia, o vídeo, o *meme*, o *gif* sejam também motores primários das discussões e se insiram na sala de aula inglês com um propósito maior que o entretenimento de plateias, é, em vez disso, uma forma de patrocinar a construção de cidadania crítica, de múltiplos sentidos, de outros olhares e novas perspectivas para uma sala de aula de inglês onde se fale de tudo, até inglês!

REFERÊNCIAS

ANDREOTTI, V.; SOUZA, L. M. T. M. d. Learning to Read the world through other eyes. 1. ed. Inglaterra: Global Education, Derby, 2008.

BRASIL, S. d. E. B. Orientações curriculares para o ensino médio. Linguagens, códigos e suas tecnologias. 1. ed. Brasília: MEC/SEB, 2006. v. 1.

CANAGARAJAH, A. S. Negotiating the local in english as a lingua franca. **Annual review of applied linguistics**, Cambridge University Press, v. 26, n. 1, p. 197–218, 2006.

¹³Todos as produções disponíveis aqui foram previamente autorizadas pelos alunos cujas identidades serão preservadas.

¹⁴Mulher oriental x mulher ocidental: multiculturalismo quebrando barreiras, fazendo história.

¹⁵O uso de "no" em vez de "don't" e o uso do plural em "muslim athlete" foram sugeridos ao produtor do texto como possível correção, no entanto o fragmento original foi mantido aqui posto que o foco da análise se sobrepõe ao aspecto linguístico, logo, em uma tradução adaptada, temos: mesmo em temperatura escaldante, atletas mulçumanas não deixam seus corpos expostos".

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. Trad. Klauss Brandini Gerhardt.

____. **A sociedade em rede**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. Trad. Roneide V. Majer.

FERRAZ, D. D. M. Letramento visual: as imagens e as aulas de inglês. In: TAKAKI, N. H.; MACIEL, R. F. (Ed.). **Letramentos em terra de Paulo Freire**. 3. ed. Campinas: Pontes Editores, 2017. p. 255–270.

JANKS, H. Panorama sobre letramento crítico. In: JESUS, D. M. d.; CAARBONIERI, D. (Ed.). **Práticas de Multiletramentos e Letramento Crítico: outros sentidos para a sala de aula de línguas**. 1. ed. Campinas: Pontes Editores Ltda, 2016. v. 1, p. 21–39.

JORDÃO, C. M. Eal-elf-egl: same difference? **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, SciELO Brasil, v. 14, n. 1, p. 13–40, 2014.

KRESS, G. Literacy in the new media age. 1. ed. New York: Routledge, 2007.

KRESS, G.; LEEUWEN, T. V. **Reading images: the grammar of visual design**. 2. ed. New York: Routledge, 2016.

LEFFA, V. Ensino de línguas: passado, presente e futuro. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 20, n. 2, p. 389–411, 2012.

MATTOS, A. M. d. A. Novos letramentos, globalização e ensino de língua estrangeira. In: ZACCHI, V.; STELLA, P. R. (Ed.). **Novos Letramentos, Formação de Professores e Ensino de Língua Inglesa**. 1. ed. Maceió: EDUFAL, 2014. v. 1, p. 101–136.

MIZAN, S. Letramento visual na mídia. In: TAKAKI, N. H.; MACIEL, R. F. (Ed.). **Letramentos em terra de Paulo Freire.** 3. ed. Campinas: Pontes Editores, 2017. p. 271–282.

Monte Mór, W. M. Crítica e letramentos críticos: Reflexões preliminares. In: ROCHA, C. H.; MACIEL, R. F. (Ed.). **Língua Estrangeira e Formação Cidadã: por entre discursos e práticas.** 1. ed. Campinas: Pontes Editora, 2013. p. 31–50.

PENNYCOOK, A. Uma linguística aplicada transgressiva. In: LOPES, L. P. M. (Ed.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar.** 1. ed. São Paulo: Parábola, 2014. p. 67–84.

SILVA, S. B. d. Letramentos críticos com texto visual - investigando caminhos na formação de professores para a contemporaneidade. In: ZACCHI, V. J.; STELLA, P. R. (Ed.). **Novos Letramentos, formação de professores e ensino de língua inglesa**. 1. ed. Maceió: UFAL, 2014. v. 1, p. 7–273.

SOUSA, R. M. R. Q. d. Onde fica a língua inglesa em trabalhos multimodais? uma experiência em uma escola pública brasileira. In: TAKAKI, N. H.; MACIEL, R. F. (Ed.). **Onde Fica a Língua Inglesa em Trabalhos Multimodais? Uma experiência em uma Escola Pública Brasileira**. 3. ed. Campinas: Pontes Editores, 2017. v. 3, p. 231–252.

SPIVAK, G. C. An aesthtetic education in the era of globalization. 1. ed. Massachusetts: Harvard University Press, 2012.

TAKAKI, N. H.; SANTANA, F. B. d. Entendendo os novos letramentos da perspectiva educacional: Foco nas práticas sociais diárias. **Revista Diálogos Interdisciplinares-GEPFIP**, v. 1, n. 1, p. 52–66, 2014.

TORRES, C. A. Globalizations and Education: Collected Essays on Class, Race, Gender, and the State. 1. ed. New York: Teachers College Press, 2009.

ZACCHI, V. J. Multimodality, mass migration and english language teaching. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, SciELO Brasil, v. 16, n. 4, p. 595–622, 2016.